

REGINA APARECIDA SARRAFF BERGER

ORIENTAÇÃO A PAIS DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Trabalho de Monografia, apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1988

Professor Orientador:

*LEALIS BABY SPONHOLZ*

MESTRE EM EDUCAÇÃO - UFPR

Professor Adjunto do Setor de Educação da  
Universidade Federal do Paraná.

*Meus agradecimentos a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para a realização desta Monografia.*

# SUMÁRIO

<u>CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO</u> .....	1
1.1 JUSTIFICATIVA .....	1
1.2 PROBLEMA .....	3
1.3 OBJETIVOS .....	4
1.4 DEFINIÇÃO DE TERMOS .....	4
<u>CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO ESPECIAL</u> .....	6
2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	6
2.2 CLASSES ESPECIAIS .....	7
2.3 O PROFESSOR .....	8
2.4 CURRÍCULO .....	10
2.5 O DEFICIENTE MENTAL LEVE .....	11
2.6 ASPECTOS CONSIDERADOS NA NOVA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL .....	12
<u>CAPÍTULO III - ASCENSÃO DO DEFICIENTE ATRAVÉS DO APOIO FAMILIAR</u> .....	16
3.1 NA FAMÍLIA, O INÍCIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	16
3.2 INTERAÇÃO: ESCOLA E FAMÍLIA .....	18
3.3 DECÁLOGO PARA OS PAIS DE CRIANÇAS MENTALMENTE RETARDADAS .....	22
<u>CAPÍTULO IV - METODOLOGIA</u> .....	24
4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	24
4.2 DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E DA AMOSTRA .....	24
4.3 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS .....	25

4.4	DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO .....	25
4.5	INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	25
4.6	ANÁLISE DIAGNÓSTICA .....	26
<u>CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> .....		27
5.1	POSTURAS RECOMENDÁVEIS AOS PAIS .....	28
5.2	PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO A PAIS DE CRIANÇAS COM NE- CESSIDADES ESPECIAIS .....	29
5.2.1	Reuniões individuais com a professora: en- trevistas .....	29
5.2.2	Grupos de pais .....	31
5.2.3	Palestras, seminários .....	32
5.2.4	Encontros sociais .....	33
5.2.5	Atividades recreativas .....	33
5.2.6	Visitas .....	34
5.3	PARECER FINAL .....	35
<u>ANEXO</u> .....		37
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> .....		39

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

### 1.1 JUSTIFICATIVA

A realidade mostra o despreparo dos pais com relação à excepcionalidade, muitas vezes negando o próprio filho e se fechando no seu problema, evitando receber orientações.

Assim, a ansiedade ou a vergonha relativas à criança podem inibir os contatos normais dos pais e, mesmo, criar retraimento das atividades de grupo da família.

Muitos pais, defrontam-se com a necessidade de educar uma criança que possui deficiência e ficam impossibilitados pela falta de conhecimento relativo ao que podem e devem fazer.

Nem sempre, entendem a importância das metas a serem seguidas ou ignoram como orientar seu filho, para que ele possa sentir-se integrado no contexto social.

*"É importante oferecer 'educação' aos pais da criança com necessidades especiais como 1º passo para a educação." (DUNN, 1976).*

Poucos pais de deficientes que frequentam Classes Especiais, estão adequadamente equipados, seja por expectativa ou treinamento a ajustar-se ao advento da excepcionalidade no filho.

Freqüentemente, tal desvio pode significar frustração de muitas esperanças, sonhos e ambições.

Pode ser preciso considerável treinamento para evitar a transmissão dessa reação à criança.

Um grande número de pais hesita em admitir, mesmo a si próprios que o filho é diferente e possui limitações na aprendizagem.

Segundo Vitor da FONSECA,

*os pais queixam-se da forma pouco clara e explícita com que são informados acerca da deficiência do seu filho. A informação inadequada e confusa, muitas vezes banalidade dos sinais ou por algumas atitudes, muito características nalguns médicos e psicólogos e também em alguns educadores e pais, peca por falta de orientação e precisão diagnóstica, cabendo à escola apoiar os pais no sentido de aceitação das limitações do filho.*

Os pais querem uma oportunidade para que seus filhos se desenvolvam dentro de suas capacidades limitadas, e levem uma vida a mais útil possível.

Acredita-se que, se os pais, os educadores e outros profissionais exercessem as respectivas responsabilidades ao máximo, poderíamos ter melhores facilidades e serviços para as crianças da comunidade. X

Sendo os pais, os primeiros educadores de seus filhos, surge a necessidade de se trabalhar com eles, para que possam desde o nascimento criar condições de desenvolvimento integral tornando seus filhos pessoas felizes. Cabe evidenciar aqui, a importância da interação: pais e professor.

Através de entrevistas com profissionais ligados à área da deficiência, constata-se que, todo trabalho a ser realizado com crianças deficientes deve caminhar paralelamente com os

pais, para que se obtenha melhores resultados.

O Professor ou Educador Especializado de classe especial, necessita manter-se informado pelos pais, a respeito de cada educando para oferecer diversificação de atendimentos especiais e que serão indicados a esta ou àquela criança, de acordo com sua necessidade.

*"Médicos, pedagogos ou simplesmente pais, julgam estar convictos de que as crianças são seres humanos; todavia não cessamos de tratá-los como coisas sob pretexto de que a sua humanidade é para amanhã."* (Maud MANNONI, 1988).

Toda criança quer uma oportunidade de sentir-se valorizada, uma oportunidade de ser uma pessoa querida, respeitada, aceita como um ser humano merecedor de dignidade.

Amor, compreensão e aceitação são pontos básicos para que uma criança seja feliz. Ela precisa sentir-se integrada no contexto social.

A partir desses dados levantados, se evidencia a necessidade de oferecer aos pais: "*apoio*", orientando-os da importância do seu papel para a ascensão do filho deficiente por serem eles não só os primeiros professores, são aqueles a partir de quem e através de quem o filho se orienta. Os pais mostram-lhe *quem ser e como ser*.

## 1.2 PROBLEMA

Criar um filho deficiente, sem dúvida, traz angústia e encargos adicionais para os pais. Contudo, é necessário recordar que criar um bebê normal também pode ser um processo angustiante para muitas mães, não sendo portanto um fato exclusivo e inerente à excepcionalidade.



De qualquer maneira, devemos ter sempre em mente que a família de um deficiente necessita tanto de atendimento e orientação quanto o próprio filho, não só para sua organização e ajustamento, como também para que possa se constituir em um elemento de apoio e ajuda no processo de educação e reabilitação dessa criança.

Assim sendo, é necessário que se oportunize aos pais condições efetivas para contribuírem no desenvolvimento educacional de seus filhos.

Entretanto, a falta de programas aos pais nas escolas estaduais de Curitiba, nos leva a questionar o seguinte problema: - *Qual a contribuição que a Educação pode oferecer à formação dos pais de crianças deficientes da rede estadual de ensino, orientando-os sobre o seu papel no processo de integração do filho no contexto social?*

### 1.3 OBJETIVOS

- Circunstanciar o aluno de "*classe especial*" como sendo uma pessoa com necessidades educacionais especiais.

- Demonstrar a necessidade do apoio familiar na ascensão sócio-econômica, política e cultural do deficiente.

- Construir a partir do referencial teórico e da opinião dos pais, uma proposta de orientação familiar, visando a inserção da família no processo educacional do deficiente.

### 1.4 DEFINIÇÃO DE TERMOS

*Classe Especial*: é caracterizada pelo agrupamento de alunos classificados como da mesma categoria de excepcionalidade, que estão sob a responsabilidade de um professor especializado.

É instalada em escola comum. (MAZZOTTA).

*Deficientes Mentais Educáveis:* são os alunos que, embora possuindo grau de inteligência significativamente abaixo da média, podem ser alfabetizados, seguindo programa curricular adaptado às suas condições pessoais, alcançando ajustamento social e ocupacional e, na idade adulta, independência econômica parcial ou total.

*Orientação Familiar:* arte de educar, guiar, ajudar, informar, utilizando técnicas, recursos e procedimentos adequados no sentido de ajudar os pais na ascensão do filho deficiente.

## CAPÍTULO II

### EDUCAÇÃO ESPECIAL

#### 2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A Educação Especial constitui parte integrante da educação comum. Visa atender ao princípio de que a *"Educação é um Direito de Todos"*.

Objetiva, assim, permitir que crianças com necessidades especiais, devido a características específicas, relacionadas com alguns de seus impedimentos, deficiências ou incapacidades, tenham a oportunidade de desenvolver ao máximo suas condições pessoais, suas potencialidades.

Todos têm condições de aprender; é necessário oportunizar os meios para que isto aconteça e para que a Educação Especial nos leve a uma nova compreensão do ser humano, tornando-o íntegro, ajustado, capaz de ser feliz e não sendo obstáculo à felicidade dos outros.

Segundo a *"Declaração de Princípios"*, contida no Informe Final da Reunião de *"Expertos de la UNESCO sobre Educación Especial"* - Casa de la UNESCO, Paris 15-20 de octubre de 1979, *"a Educação Especial é o componente educativo da reabilitação"*.

Evitar segregação e discriminação é objetivo básico.

Preferencialmente, as crianças deficientes devem receber atendimento em escolas comuns, as quais devem favorecer sua integração, atendendo às exigências que sua condição requer.

Convém frisar que a Educação Especial não constitui um tipo de instituição social à parte da educação comum e, como tal, tem como filosofia e práxis a humanização do homem. Neste sentido, pretende oferecer ao excepcional condições de desenvolvimento de suas potencialidades com vistas à auto-realização e à integração social.

A Educação Especial também tem como meta:

*"Desenvolver ao máximo o potencial do educando em razão direta de suas possibilidades, nos aspectos intelectuais, ético, estético, cívico-social, físico e de trabalho, mediante conhecimentos, hábitos, habilidades e aptidões para alcançar seu desenvolvimento integral."*

Para que o deficiente seja formado e educado integralmente são utilizados todos os recursos metodológicos da educação em geral, com a finalidade de desenvolvimento de hábitos adequados à vida, treinamento de habilidades úteis ao seu ambiente social e cultural, para dirigir aprendizagens de conhecimentos, para realizar sondagem vocacional e habilitação profissional, o que operacionalmente, irá variar de educando para educando, em função do diagnóstico de suas possibilidades e deficiências.

De acordo com o Departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, a cidade de Curitiba atende "os deficientes" através de: Instituições de Ensino Especial, Escolas Especiais e Classes Especiais.

## 2.2 CLASSES ESPECIAIS

A Classe Especial, é caracterizada pelo agrupamento de alunos classificados como da mesma categoria de excepcionalidade.

de, que estão sob a responsabilidade de um professor especializado.

*"A Classe Especial, situada em estabelecimentos do sistema atende deficientes mentais em grau leve ou educáveis. As mesmas facilidades e recursos do sistema e subsistema deverão estar disponíveis para tais classes."*

Pode haver apenas uma dessas classes em uma única escola, ou podem existir várias classes especiais.

A Classe Especial é usada para crianças deficientes mentais leves, e é obrigatória se as crianças mentalmente deficientes são da responsabilidade da escola pública.

O planejamento educacional das Classes Especiais é sempre positivo e diz respeito a realizações e desempenhos.

As Classes Especiais que atendem deficientes mentais leves, existentes hoje em Curitiba, sediadas em Escolas Comuns da rede estadual são em número de 112.

Cada Classe Especial atende normalmente 10 deficientes.

### 2.3 O PROFESSOR

O Professor ou Educador Especializado é o grande responsável pelo êxito do prognóstico da equipe, permitindo a adaptação social da personalidade da criança, através de uma planificação de atividades visando a sua Educação integral.

É a pessoa que se encarregará de auxiliar a formação da personalidade da criança, juntamente com os pais.

É a pessoa que substitui os pais do educando, surgindo a situação que chamamos "*educador-aluno*", e o primeiro contato da criança deficiente com o educador será para ela uma esperança ou uma ameaça.

A atitude inicial da criança nos diz de sua queixa, de sua tensão, de seu "bloqueio", de sua aceitação pela família.

A preocupação dominante do educador será despertar o contentamento, e o seu maior empenho - criar um ambiente de alegria, de afeto e segurança, que leve à aceitação do próprio educador e da própria deficiência por parte da criança.

O relacionamento do professor com a criança deficiente, que se realiza através de técnicas específicas, tem os seguintes objetivos:

1. Conseguir para o deficiente um equilíbrio afetivo, sobretudo no plano familiar;
2. Proporcionar-lhe conhecimentos práticos adequados às suas possibilidades;
3. Buscar-lhe um ambiente que lhe permita uma contínua atividade, seja esta pedagógica, lúdica ou puramente prática;
4. Suprimir de sua vida todos os motivos de desequilíbrio emocional: angústia, medo, castigos, imposições, etc.

É necessário, portanto a irradiação da atuação do Professor ao ambiente familiar, não só como professor visitador dispensando atendimento domiciliar, mas como profissional de um programa e/ou serviço específico.

Os pais da criança deficiente têm um estado emocional que quase sempre requer uma terapia e em todos os casos necessitam de um educador especializado, atuando na abrangência transdisciplinar, que os ajude a resolver os problemas que se apresentam.

Partindo da compreensão, da cooperação e confiança recíprocas, o clima das boas relações entre a família e o educa-

dor será estabelecido com segurança, contribuindo para o aprimoramento da educação da criança.

## 2.4 CURRÍCULO

Professores de crianças com necessidades especiais têm demonstrado preocupação na elaboração do currículo. O qual é um instrumento de ação do professor, como também, o somatório dos programas a serem trabalhados.

Na elaboração deste currículo, faz-se necessário conhecer cada educando individualmente, manter contato com os pais e através do diálogo obter o máximo de informações, bem como descobrir o que cada pai espera que seu filho aprenda. O currículo deve partir da clientela.

O professor poderá montar um histórico de cada aluno e acrescentar os momentos progressivos mantendo-se informado para uma avaliação.

O professor deve ter consciência de que a relação: professor e aluno deve ser **RELAÇÃO DIALÓGICA**.

Em se tratando de crianças com necessidades especiais, seja qual for a área de deficiência, o sistema diretivo de ensino favorece especialmente o atendimento a cada aluno de per si. Muitas destas crianças estão se desenvolvendo em nível bem abaixo ao que suas reais capacidades física, emocional, social, mental o permitem, porque não se prescrevem os procedimentos necessários ao aproveitamento máximo de cada uma delas.

A avaliação é uma parte integrante do currículo.

O limite muitas vezes não está na criança, mas no reeducador.

## 2.5 O DEFICIENTE MENTAL LEVE

A deficiência mental refere-se ao funcionamento intelectual inferior ao termo médio que se origina no período de desenvolvimento.

O educando portador de deficiência mental leve ou educável caracteriza-se por:

- a) lento grau de maturidade;
- b) capacidade reduzida de aprendizagem.

Os deficientes mentais leves conseguem adaptar-se de tal forma ao meio, que é difícil notá-los em grupos da comunidade. Porque poderão desenvolver habilidades sociais e de comunicação.

Poderão aprender habilidades escolares e alcançar o desenvolvimento de habilidades profissionais.

Podem, inclusive, chegar a prover a sua manutenção, muito embora necessitem, algumas vezes, de ajuda e orientação em situações sociais diferentes daquelas a que estão acostumados, ou em casos de dificuldades econômicas.

~~CABRAL e PIVA (1975) afirmam que:~~

*"Os deficientes em grau leve, compatíveis com a adaptação social aos padrões da escola comum, com ajustamentos curriculares e algum recurso complementar, podem ser integrados na classe regular."*

A criança com deficiência mental leve, apresenta maior propensão a ter dificuldades na visão, audição e coordenação motora. Entretanto, muitas dessas crianças não apresentam tais defeitos.

A maioria das crianças com deficiência mental educável provém de famílias sócio-cultural inferiores.



Estas crianças não são diagnosticadas como portadoras de tal deficiência até ingressarem na escola. O diagnóstico geralmente ocorre quando a criança ingressa na escola e começa a falhar na aprendizagem.

Os deficientes mentais educáveis apresentam desenvolvimento pobre nos testes verbais e não verbais de inteligência. Sua taxa de desenvolvimento mental é de aproximadamente metade ou 3/4 se comparada à da criança normal.

Os interesses da criança Deficiente Educável correspondem mais aos interesses das crianças de sua idade mental do que aos interesses das crianças de sua idade cronológica.

## 2.6 ASPECTOS CONSIDERADOS NA NOVA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

*Normalização* - deve-se proporcionar à pessoa portadora de deficiência, vida mais humana, mais simples, a mais normal possível. Normalizar não significa tornar o excepcional normal, mas que a ele sejam oferecidas condições de vida idênticas às que outras pessoas recebem.

*Integração* - possibilitar ao deficiente, meios de poder conviver com os outros, de compartilhar os mesmos recursos da comunidade. É necessário o envolvimento da comunidade para que o excepcional não apenas pertença a ela, mas que tenha condições de viver nela. Para isso, faz-se necessária a integração por níveis, não por imposição, mas por direito.

Deve-se permitir ao deficiente que se beneficie tanto quanto possível dos privilégios e vantagens que cada cidadão deve possuir.

*Individualização* - cada criança com deficiência é um ca-

so especial que reclama uma solução individual em vista de uma adaptação social. Deve-se levar em conta o atendimento individual e um ensino eminentemente concreto. Dispensar um atendimento individual não quer dizer uma educadora para cada educando, mas o que foi ensinado deverá estar adaptado à sua individualidade.

Cada ser humano é único, seja deficiente ou não. Cada um tem suas diferentes ansiedades e fraquezas, diferentes necessidades e motivações.

O educador deve proporcionar ao deficiente a oportunidade de atingir aos mais altos níveis do seu potencial.

*Similaridade* - quer dizer: desenvolver as habilidades sociais do deficiente, torná-lo "*educado*", permitindo minimizar as diferenças e maximizar as semelhanças. O objetivo não é somente de aproximar o deficiente, na "*medida do possível*", a um modelo, mas ensinar-lhe a viver com sua deficiência, sem ser excluído do ambiente em que vive, uma vez que a "*educação especial*" desenvolve suas potencialidades inerentes, permitindo uma convivência social adequada.

*Continuidade* - cada etapa de evolução da criança, supõe o atendimento adequado da conseqüente etapa posterior.

Todo "*Programa*" e/ou "*Serviço de Educação*" para deficientes deverá prever recursos para, numa contínua progressão, possibilitar sempre que suas necessidades físicas, emocionais, sociais, educacionais, vocacionais, de lazer e recreação sejam satisfeitas.

Só se concebe "*Educação*", quando esta possibilita a auto-realização, bons mecanismos de integração social, independência econômica e realização profissional. A continuidade no

processo de atendimento deve levar o deficiente até o exercício de uma atividade produtiva.

É um aspectos de vital importância, prever, as etapas subsequentes às suas faixas de vida e níveis de desenvolvimento no processo de atendimento aos portadores de deficiência.

*Diagnóstico* - refere-se ao processo total engendrado na investigação para perceber ou identificar problemas escolares relatados.

Para oferecer programas adequados aos diferentes tipos de deficiência é necessário que lembremos a evolução do conceito de diagnóstico. Não deve ser admitido o enfoque de um só profissional, mas de uma equipe multidisciplinar que busca atingir o equilíbrio do excepcional.

O professor torna-se pessoa chave nesta equipe, com uma posição de direito na tomada de decisões quanto a encaminhamento, hipóteses diagnósticas, etc.

Esta equipe ainda atuará num grupo formado por pais, irmãs e outros familiares, escola e comunidade, orientando-os e esclarecendo-os sobre as possibilidades do educando.

O diagnóstico educacional, traz uma visão mais positiva da avaliação do potencial das pessoas com deficiência, em contraposição ao posicionamento do modelo tradicional médico-psicológico.

*Planejamento* - não é possível falar em Educação Especial sem um planejamento consciente e intencional. É imprescindível que, para planificar racionalmente, o façamos com os recursos disponíveis na comunidade, ampliando-os, reformulando-os, melhorando suas condições de ofertas de serviços, bem como conscientizando o Poder Público e a Iniciativa Privada a assumirem

conjuntamente as responsabilidades que cabem a cada um na solução dos problemas atinentes à Educação Especial.

Diante das possibilidades reconhecidas no Brasil pela Lei 5.692, quando seu já citado artigo 9º, assegura o atendimento especial ao "*educando que apresente deficiências físicas ou mentais*"; é necessário uma posição mais objetiva.

Decorre daí a necessidade de oferecermos ao deficiente, condições para construir uma firme estruturação educacional, proporcionando-lhes uma série de programas, compreendendo condições de aprendizagem e experiências que envolvam descobertas que permitam seu desenvolvimento integral.

## CAPÍTULO III

### ASCENSÃO DO DEFICIENTE ATRAVÉS DO APOIO FAMILIAR

#### 3.1 NA FAMÍLIA, O INÍCIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os pais são os primeiros educadores da criança e os primeiros companheiros da sua aprendizagem social, cuja influência é relevante para a formação dos filhos. Portanto, a adaptação e o desempenho na vida social do indivíduo dependem da sua aprendizagem familiar.

Cabe à família, por direito e dever, a tarefa de educar os filhos.

Pai e mãe proporcionam a atmosfera na qual a criança realiza suas primeiras experiências e reconhece os valores e convenções da vida social. Sua orientação em relação à vida social e escolar deriva das diretrizes que recebe e que desenvolve sob as condições das características de sua família. As influências exercidas pelos pais traduzem sua postura de ordem econômica, religiosa, cultural, social, e atingem a criança, quer pela expressão desses valores de um cônjuge para com o outro, quer de ambos para com a criança.

As relações entre pai e mãe estabelecem o padrão para as relações interpessoais no seio da família.

Quando os pais são cooperativos e cordiais entre si, os filhos têm melhor oportunidade para desenvolver tendências no mesmo sentido e, mais tarde, em relação a outras pessoas não

pertencentes à família, no grupo social ou escolar.

A família é o lugar mais apropriado para a criança poder encontrar-se com o outro, tanto por causa da estrutura subjetiva da criança como da própria família. É, portanto, o local mais favorecedor da humanização da criança.

Sempre existiu a convicção de que a criança só pode desenvolver-se, integralmente, no seio da família. Estudos têm mostrado que esta influência é vital à criança e que, sem ela, comportamentos patológicos, tais como distúrbios psico-sociais, são causados.

A relação da criança com os pais estará freqüentemente dependente do desempenho e resultado escolares. Como os pais utilizam os domínios da alimentação, da higiene, do controle muscular, da saúde física, do lazer, para influenciar a criança, também o comportamento escolar pode se tornar objeto para chantagem afetiva. Desentendimentos dos pais, exigências excessivas ou profundo desinteresse, chantagens, ansiedade, intervencionismo sufocante, ciúme fraterno, inferioridades, conflitos sobre a lição de casa, a criança encarada como adulto, etc. são fatores que podem perturbar o aluno.

É particularmente necessário compreender o que a criança representa na vida e na expectativa dos pais, e o que o aluno quer representar com suas dificuldades.

Abafada a criança na sua personalidade, e sentindo-se ligada aos pais e culpada por não lhes corresponder, reage por meio de perturbações de comportamento pessoal e/ou escolar. Qualquer situação dramática que venha perturbar o clima familiar, como o luto, o divórcio, choque sexual, etc. ativam a angústia infantil, podendo levá-la a comportamentos regressivos. Neste

caso, inevitavelmente se alteram as atividades sociais e escolares da criança.

A família é o espaço humano em que o ser da criança pode desenvolver-se, sem sofrer restrições ou carências. Toda criança, como pessoa incompleta e finita, necessita da comunidade para que suas capacidades possam desenvolver-se. Assim se estabelecem relações originárias das trocas familiares. A mãe apresenta-se no primeiro plano, e aos poucos o horizonte se amplia aos pais e irmãos.

A medida em que a criança cresce, o grupo se amplia, surgindo uma continuidade de novas associações e comunidades. Quando atinge a idade escolar, surge uma nova luta com o novo grupo, a de auto-afirmação e empenho na reprodução das relações familiares num campo exterior ao lar.

### 3.2 INTERAÇÃO: ESCOLA E FAMÍLIA

Os pais de crianças deficientes, normalmente tentam de todas as formas fazer parecer que seus filhos são iguais a "*todos os outros*". Para isso, tentam, muitas vezes, colocá-los em escolas de crianças sem problemas.

A criança especial exige cuidados diferenciados na escola.

Na fase escolar, a criança deixa a família e tem de aprender a estabelecer novos laços com os colegas e professores.

O meio escolar deverá reproduzir num plano social mais amplo, o meio familiar. O meio escolar proporciona assim à criança uma nova possibilidade, até então desconhecida, de reviver a relação em termos menos possessivos e restritos. E a criança progredirá em seu desenvolvimento, na medida em que, por

exigência do grupo escolar, se esforça para adaptar-se a ele, assumindo a realidade deste. O individualismo e o excessivo subjetivismo, que caracterizam a vivência familiar, atenuam-se na vivência escolar, a favor da realidade; as energias infantis são canalizadas para as atividades do grupo escolar e trabalho motor.

Além da atuação pedagógica da escola, há outra possibilidade de influência, que ao mesmo tempo produz resultados para o aluno e fortalece a ação educativa. Trata-se da informação e formação dos pais, sob a forma de grupo, para apresentação de temas relativos à educação e ao desenvolvimento da criança, bem como para debates e discussões. Deste modo se poderia detectar, prevenir e/ou corrigir inadequações que dificultam ou até impossibilitam o desenvolvimento infantil. Adequando as relações familiares e escolares, é possível reduzir as desadaptações e favorecer o desenvolvimento infantil integral da criança deficiente.

A percepção logo de início e a atenção às necessidades físicas especiais, emocionais e intelectuais da criança deficiente são, evidentemente, necessárias, pois cada criança, seja talentosa ou defeituosa, tem necessidades mais peculiares que as necessidades mais singulares da criança não excepcional. Quanto mais prontamente os pais perceberem essas necessidades, tanto mais eficiente será o desenvolvimento da habilidade de tratar com elas sem dúvidas e incertezas; e tanto maior a oportunidade de a criança excepcional desenvolver-se no máximo de potencial com o menor resíduo de infelicidade e frustração.

É extremamente importante, para a criança incomum, participar da vida social a seu redor; muitas vezes, no entanto,



ela encontra grande dificuldade em manter as mais simples relações com adultos ou semelhantes. A própria natureza do defeito da criança pode criar uma situação em que a adaptação social dos pais se torna confusa. A ansiedade ou a vergonha relativas à criança podem inibir os contatos normais dos pais e, mesmo criar retraimento das atividades de grupo da família.

Os responsáveis pela educação dos pais devem resolver e aceitar seus sentimentos com relação às crianças excepcionais a fim de que seu trabalho possa ser objetivo em alcance.)

Informações completas relativas aos recursos existentes dentro da comunidade ou das comunidades vizinhas deveriam estar à disposição imediata daqueles que estejam tratando da educação dos pais.

Notou-se que os pais deveriam conhecer a filosofia sob a qual os filhos estão sendo educados, e as facilidades relacionadas e serviços profissionais existentes. Além disso, é preciso que cada pai desenvolva uma familiaridade maior com as técnicas, o material e os recursos especificamente designados para o defeito de seu filho.

Cada criança requer estudos cuidadosos a fim de ser feito o diagnóstico mais exato e o planejamento mais eficaz de longo e curto prazo.

Um problema que o professor de crianças com necessidades especiais precisa estar preparado para enfrentar é o das relações com os pais.

Sem um bom relacionamento pai-professor, o programa fica seriamente comprometido.

É importante para o professor poder contar com a cooperação amistosa da mãe. Deve-se levar em consideração que é a

mãe que permanece normalmente mais tempo com a criança e suas informações são de grande valia. É necessário que se leve em conta também toda a carga emocional que a mãe traz consigo. Às vezes é oportuno que os professores estabeleçam algum tempo, numa base equilibrada para sessões de aconselhamento à mãe.

O professor deve levar em conta que cada família possui: valores, moral, religião, e que esses dados dificilmente podem ser mudados.

Deve-se considerar que nem sempre a opinião dos técnicos (profissionais) é a mesma, porque a teoria é "bem" diferente da prática. E os pais sabem o que é melhor para os filhos.

Cabe aos pais e educadores ensinarem as crianças a discernir e escolher, por si mesmas, entre as diversas comunicações, sob a supervisão e o acompanhamento do adulto. É útil que pais e educadores estejam a par dos programas televisuais, filmes e publicações que mais entusiasma as crianças, para poderem discutí-los com elas, de modo a ir estimulando o seu senso crítico.

Todo trabalho relacionado ao deficiente deve centrar-se na família com base nas necessidades dele, e visando o desabrochar das potencialidades que ele possua.

A temática "*Orientação Vocacional e Profissional*" tem envolvido há alguns anos, uma série de estudiosos que procuram definir seu campo e sua perspectiva.

Na medida que for possível, a "*Escola*" deve oferecer ao deficiente orientação que lhe prepare para a vida. Salienta-se a importância de possibilitar-lhe o acesso à orientação vocacional e profissional que lhe forneça habilitações para exercer uma atividade profissional que lhe agregue à sociedade, que lhe

realize pessoalmente, que o faça sentir-se útil e capaz no seu universo peculiar e, conseqüentemente, minorar a questão do estereótipo preconceituoso que rotula e marginaliza.

O que se pretende é criar uma situação que possibilite uma *integração individualidade / excepcionalidade (comunidade)* de forma mais atuante, dinâmica, interessada, profícua.

Sabe-se que as necessidades básicas do deficiente, para efeito de lei, são: saúde, educação, recreação, segurança social, profissionalização. Há de se procurar orientar devidamente o indivíduo que é levado a entidades ou instituições especializadas (*e mesmo a nível familiar*), dando-lhe instrução e assistência e instrumentalizando-o a nível de capacitação profissional que lhe assegure um bem viver, pleno, dentro dos matizes de seu "*problema*".

A escola deve ajudar os pais a sentirem e preencherem seu papel no planejamento profissional necessário para construir uma sociedade que reconheça as necessidades das crianças excepcionais e atente para elas.

Portanto, existindo entre pais e filhos uma relação à base de aceitação e de acompanhamento, lado a lado, será tanto mais fácil a tarefa educativa conjunta escola / família.

### 3.3 DECÁLOGO PARA OS PAIS DE CRIANÇAS MENTALMENTE RETARDADAS

1. Demonstre coragem em todas as circunstâncias.
2. Lembre-se: todas as crianças mentalmente retardadas podem ser ajudadas de alguma forma.
3. Seja objetivo: procure e aceite o melhor conselho possível por parte de médicos, psicólogos e professores especializados em crianças retardadas - e siga esse

conselho.

4. Seja realista: coloque todas as metas ao alcance do nível de capacidade da criança.
5. Planeje as coisas: tão logo quanto possível, estabeleça um plano a longo prazo.
6. Seja justo: dê a seu filho a porção que lhe cabe de amor, afeição, atenção e vantagens, mas nada mais do que isso.
7. Seja honesto: reconheça e explique a seus amigos e a terceiros a capacidade limitada que seu filho tem - também eles são pessoas inteligentes e compreensivas.
8. Lembre-se: todas as crianças retardadas têm direitos inalienáveis que devem ser observados: saúde, treinamento, proteção e felicidade.
9. Lembre-se: não há ainda nenhum tratamento milagroso, seja médico, psicológico ou pedagógico que torne normal a criança deficiente mental.
10. Dê seu apoio a todos os esforços que visam melhorar as condições de vida de crianças retardadas e as pesquisas de todos os tipos, para que sejam compreendidas por todos.

## CAPÍTULO IV

### METODOLOGIA

#### 4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para desenvolver o presente estudo, julgou-se necessário a aplicação de 01 questionário misto aos pais das crianças deficientes que freqüentam classes especiais da rede estadual de ensino da cidade de Curitiba, além do respaldo bibliográfico.

De acordo com informações fornecidas pelo DEE (Departamento de Educação Especial), atualmente, em Curitiba as classes especiais são em número de 112.

#### 4.2 DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E DA AMOSTRA

As Escolas:

- Escola Estadual Emílio de Menezes (Capão Raso)
- Escola Estadual Bom Pastor (Jardim Mercês)
- Instituto de Educação (Centro)
- Escola Nossa Senhora da Salette (Jardim Alvorada)
- Escola Estadual Santa Cândida (Boa Vista),

por sediarem "*classes especiais*", foram escolhidas como campo de estudo para o desenvolvimento do presente trabalho.

Estas instituições apresentam um número de 10 classes especiais compreendendo um total de 100 alunos portadores de Deficiência Mental Leve.

Para a amostragem foram selecionados aleatoriamente 100

pais representantes dessas "*classes especiais*".

#### 4.3 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Após selecionadas as obras pertinentes ao assunto, foram feitas as leituras e recolhidas as informações que sustentaram a teoria do trabalho. Em seguida, foram organizadas e dirigidas as informações coletadas.

Foram escolhidas as "*Escolas*" que possuem "*Classes Especiais*" e em seguida, os pais das crianças deficientes para a amostragem.

Foi elaborado 01 questionário misto, para coletar informações trazidas pelos pais (em anexo).

#### 4.4 DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO

Este instrumento foi elaborado para se obter informações que permitam criar uma proposta de orientação familiar, visando a inserção da família no processo educacional do deficiente, operacionalizando-se assim os objetivos propostos neste estudo.

#### 4.5 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Verificou-se que:

1º) 80% dos pais gostariam de realizar um trabalho conjunto ESCOLA - FAMÍLIA, porque acham importante participar do trabalho dos filhos e haverá maior integração.

2º) As preferências demonstradas pelos pais em participar da vida escolar de seu filho em relação a:

- reuniões de pais dirigidas pela APM foi de 5%;
- palestras com médicos, psicólogos, professores e ou-

- tros, foi de 25%;
- reuniões individuais com a professora foi de 20%;
  - grupos de pais para discutirem os problemas educacionais dos filhos foi de 25%;
  - jogos, competições entre pais e filhos foi de 10%;
  - clubes de mães, foi de 5%;
  - situações de lazer, tais como: piqueniques, passeios, excursões, foi de 10%.

#### 4.6 ANÁLISE DIAGNÓSTICA

A pesquisa "*in loco*" oportunizou a observação de significativas informações:

- Dos 100 pais que foram escolhidos para esta pesquisa, 80% revelaram interesse e necessidade em receberem orientações mais específicas para melhor poderem entender seus filhos deficientes e contribuir na ascensão sócio-econômica, política e cultural dos mesmos.

Este dado é de grande valia para a elaboração de planos de trabalho e possibilidades de se criar uma proposta de orientação familiar a ser desenvolvida nas escolas da rede estadual de ensino de Curitiba.

A maior representatividade de pais demonstrou disponibilidade, o que favorece oportunizar aos mesmos melhores condições, os quais pela própria situação de precariedade sócio-cultural, vivem em um estado de ignorância que não permite adquirirem "*formação*", tornando-os alheios a meios e recursos para desenvolver a potencialidade do filho deficiente.

## CAPÍTULO V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho consistiu numa exposição descritiva sobre o deficiente mental leve que frequenta a classe especial das escolas regulares públicas de Curitiba e suas necessidades educacionais especiais.

O objetivo foi demonstrar a importância da inter-relação aluno - professor, professor - pais, visando a ascensão do deficiente mental educável. A necessidade do apoio familiar foi ressaltada com a intenção de integração: Escola - Família.

Através da pesquisa de campo realizada com os pais de crianças com necessidades especiais que frequentam classes especiais em Curitiba, obteve-se informações para se criar uma proposta de orientação a pais.

Assim, em resposta à questão: qual a contribuição que a "Educação" pode oferecer à formação dos pais de crianças deficientes da rede estadual de ensino, orientando-os sobre o seu papel no processo de integração do filho no contexto social, concluiu-se que:

1. Os pais querem participar da vida da escola, realizando um trabalho conjunto - Escola - Família;
2. Eles acham que este trabalho é importante para os filhos;
3. Os pais acreditam que a "Escola" pode oferecer algo



mais, além do ensino.

Com a obtenção desses resultados, foram feitas sugestões de uma proposta de Orientação a Pais de Crianças com Necessidades Especiais.

### 5.1 POSTURAS RECOMENDÁVEIS AOS PAIS

O sucesso com o qual uma criança chega a ser membro maduro e auto-suficiente da sociedade é, em considerável grau, resultado da maturidade e do ajustamento dos pais e de sua habilidade para prover as necessidades individuais não só dos filhos como de si próprios.

*"A compreensão do potencial de qualquer criança é função das atitudes dos pais ao acompanharem seu crescimento e desenvolvimento."* (PLATTOR, 1973).

PIAGET nos diz: *"Toda a vez que você está ensinando a solução de um problema para seu filho, você está impedindo que ele descubra sua própria solução."* Ou seja, você está atrasando o desenvolvimento dele.

Faz-se necessário conscientizar as mães que o material educativo para seu filho, pode ser criado por elas e que muitos brinquedos comprados podem trazer ansiedade geral, pois são dados para a criança antes que ela tenha o desenvolvimento adequado.

Os pais devem estar preparados para os problemas de higiene corporal, de disciplina, de isolamento, de insegurança, de recreação (férias), de espaço habitacional, de estimulação, de mobilidade, de aprendizagem que deverão resolver com seu filho deficiente.

A tarefa mais importante dos pais é ajudar seus filhos

a gostarem de si mesmos, comunicar-lhes que eles são seres humanos lindos, dignos de respeito, que é um prazer conviver com eles, que são pessoas cujos sentimentos e idéias têm valor.

*"É importante aceitar e compreender os sentimentos dos filhos."*

A criança deficiente apresenta melhoras através da percepção táctil, porque ela sente necessidade de contato físico.

Inibições e superproteção são fontes prejudiciais para com o excepcional.

Deve-se respeitar a vontade do excepcional em relação a lugares a serem freqüentados.

É de grande importância que os pais aceitem o filho com sua deficiência, assim os irmãos também aceitarão e não se envergonharão dele.

É necessário criar condições de vida para a pessoa retardada mental semelhantes tanto quanto possível, às condições normais da sociedade em que vive.

A criança com necessidades especiais é pessoa com direitos e deveres iguais aos demais seres humanos, precisando que lhe sejam oferecidas as mesmas condições de vida dos demais seres humanos.

É preciso ensinar ao deficiente a conviver com sua deficiência.

## 5.2 PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO A PAIS DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

### 5.2.1 Reuniões individuais com a professora: entrevistas

É necessário que a professora convide os pais de cada

aluno para virem à escola individualmente, quantas vezes forem necessárias, para uma conversa informal, onde poderá obter informações sobre o seu aluno e transmitir orientações para realizarem juntos, atividades na escola e em casa. Assim, os pais terão oportunidade de saber como seu filho é na escola, quais as suas dificuldades e acompanhar o seu desenvolvimento na aprendizagem.

Um aspecto científico dessas entrevistas é saber ouvir a mãe. O que ela diz, ou o seu silêncio, muitas vezes nos dará a chave de um tratamento, graças à sua sensibilidade materna.

Alguns pais vêm à entrevista muito angustiados: - "*Não sei o que fazer*", "*Não posso educar meu filho*" - complexo de inferioridade maternal ou paternal. Prestam-nos apenas uma colaboração passiva: precisamos revalorizá-los para que se encontrem seguros de si mesmos e assim colaborem, inclusive no trabalho psico-pedagógico de seu filho.

O mais importante, entretanto, é estimular, confortar e oferecer ajuda, mostrando aos pais que não estão sozinhos. É necessário saber como os pais vêem o problema, quais as suas dificuldades, as suas aspirações, o seu conhecimento da deficiência do filho, como se sentem em relação à criança.

Os pais precisam ser acompanhados na compreensão e aceitação do problema.

É preciso lembrar sempre que a pessoa que orienta não deve tomar o problema dos pais, mas planejar com eles as soluções mais adequadas em relação à criança e aos familiares. Apenas, é a pessoa que os apoia tecnicamente, que os ajuda a se sentirem com confiança suficiente e competentes para tomarem

as suas decisões.

Nesta entrevista, deve-se informar os pais sobre as possibilidades de ajuda existentes, oferecer os primeiros conselhos, proporcionar o contacto com outras instituições se necessário.

### 5.2.2 Grupos de pais

Pode-se formar grupos de pais, orientados pelo professor ou pela equipe técnica da escola, para discutirem os problemas educacionais dos filhos. É importante que os filhos apresentem problemas ou graus de deficiência semelhantes.

Cada grupo pode reunir-se semanalmente, quinzenalmente ou quando acharem necessário. Estas reuniões são muito interessantes porque, nesta situação de intercâmbio de problemas, os pais se libertam mais facilmente dos bloqueios emocionais, não se sentem sozinhos.

Os pontos de acordo ou desacordo sobre questões importantes para os membros do grupo são estudados quanto à ação, estimulando as pessoas envolvidas para algum comportamento construtivo.

Os participantes do grupo têm a oportunidade de relatar os resultados de procedimentos particulares, podendo serem discutidos durante as reuniões, fornecendo um *"incentivo para a ação"*.

Uma forma relativamente recente da educação dos pais é o *"Grupo de Discussão Livre"*, ocupado principalmente, com a criação de uma atmosfera que leve ao desenvolvimento de novos e produtivos padrões de comportamento por meio do apoio e da reciprocidade do grupo. Um coordenador está presente, mas a maior

parte do tempo gasto durante a sessão é controlada pelos participantes. Nos grupos de discussão dessa natureza existe, na verdade, uma amostra de qualquer situação típica da vida; é portanto, relativamente fácil transferir à ação, decisões tomadas pelo grupo para a vida social.

BLODGETT e WARFIELD relataram os resultados de um estudo conduzido em Sheltering Arms, Centro de Pesquisas e Externato para crianças retardadas de Minneapolis. Um grupo de estudos, planejado e conduzido pelos professores de Sheltering Arms, reúne-se uma vez por mês há três anos. Os tópicos para discussão são escolhidos na base de importância para o pessoal da escola, assim como para os pais participantes. Os resultados dessa pesquisa indicam que os pais, em geral, melhoraram os métodos de tratamento dos filhos incomuns, ou, pelo menos, mudaram de atitude; desenvolveram maior preocupação para com os aspectos mais amplos da personalidade da criança, que para com a área básica da disciplina, onde anteriormente fora colocada maior ênfase. Além disso, o interesse dos pais expandiu-se para o aspecto total da excepcionalidade, em vez de ficar confinado aos aspectos de significação imediata para as relações com os filhos.

É necessário que a escola trabalhe com grupos de pais de alunos, dentro dos seus limites e contingências locais, os aspectos cognitivos e afetivos dos pais.

### 5.2.3 Palestras, seminários

Têm por objetivo reunir os pais para intelectualizar o problema através de esclarecimento científico.

Sugere-se que a "Escola" proporcione pelo menos uma vez

por mês, uma palestra aos pais de crianças com necessidades especiais, com médicos, psicólogos ou outros profissionais ligados à área de deficiência. É conveniente que o assunto da palestra seja sugerido pelos pais e que corresponda às suas necessidades atuais.

#### 5.2.4 Encontros sociais

Deve haver confraternização entre pais, professores e alunos, aproximação informal, através de situações de lazer, como piqueniques, festas, excursões.

Supõe um estímulo recíproco de pais, a mobilização de mecanismos de *"aceitação do problema"* pelo conhecimento de dificuldades idênticas.

Como em qualquer situação problemática, a aceitação final da existência de um problema, levando ao desejo de fazer algo a respeito, significa compreensão do próprio problema. Compreensão é receber a informação e conseguir algum entendimento. Compreender significa também ter havido uma situação de aprendizado.

#### 5.2.5 Atividades recreativas

As atividades recreativas podem favorecer a produtividade de um grupo, desde que apropriadamente escolhidas, oportunamente aplicadas e bem conduzidas. Elas têm grande valor para o desenvolvimento individual dos membros do grupo: dão-lhes maior segurança dentro do grupo, oportunidades de valorização pessoal e afastam a monotonia. Podem, ainda, eliminar ou suavizar bloqueios, ajustamentos negativos, tensões, tendências às agressões, frustrações e insatisfações. Sob o ponto de vista do

grupo, estas atividades podem ajudar na formação de uma atmosfera favorável, aumentar a participação, a comunicação, estabelecer os padrões do grupo e desenvolver a liderança.

Pode-se programar competições entre pais, filhos e professores, visando integração.

Através das brincadeiras pode-se promover condutas e habilidades mais refinadas.

Em resumo, o resultado do relacionamento do professor com o aluno com deficiência e sua família, é permitir que o mesmo saiba que na vida sempre há um lugar para todos e fazer com que cada criança com deficiência encontre o lugar que lhe cabe.

#### 5.2.6 Visitas

Tem por objetivos específicos o estudo de vários aspectos ligados à orientação do educando. Traz em si um potencial de grande auxiliar aos objetivos de educação a que se propõe o professor.

Possuem dois aspectos:

- a) visita do professor à residência dos pais;
- b) visita dos pais à escola.

As visitas do Professor à Família deverão ter como objetivo mais específico: conhecer as circunstâncias da vida familiar do educando, atividades lúdicas, vida social, etc.

A visita dos Pais à Instituição e/ou Escola, poderá ser motivada por convite do Professor ou acontecer de forma espontânea. Os pais terão oportunidade de ver e avaliar a conduta do filho no grupo de colegas, bem como o seu desenvolvimento, e conhecer o valor pedagógico do trabalho realizado, as técni-

cas e métodos empregados.

Nessa ocasião, deve-se conscientizar os pais da realidade que é a Instituição onde seus filhos estão. É preciso transmitir que a Escola é o local de formação afetiva, educacional e profissional, onde existem técnicos e professores especializados, com o objetivo único de proporcionar ao deficiente o desenvolvimento de seu potencial.

Os pais terão a oportunidade de vivenciar a realidade contextual da Escola como também participar de algumas atividades do filho.

### 5.3 PARECER FINAL

Finalizando:

Ninguém substitui a família, mas ela tem que se apoiar na escola e, juntas, escola e família, precisarão fazer alguma coisa a mais do que simplesmente permutar informações. Se o objetivo da escola é educar para integrar, não se deve esquecer que, na educação do deficiente, é preciso que se amoldem e aliem os conhecimentos pedagógicos de pais, professores e técnicos, constituindo para o deficiente um ambiente de harmonia, de equilíbrio emocional, de liberdade de ação, para que o mesmo possa aceitar o mundo exterior de uma forma melhor.

Os aspectos desafiantes do processo de trabalho com a criança deficitária e sua família derivam das modificações que podem ser geradas no desenvolvimento de habilidades de auto-ajuda ou na implementação de mudanças de comportamentos. A habilidade para promover modificações, depende muito do aumento de sensibilidade para uma interpretação objetiva de comportamentos e de uma abordagem capaz de solucionar problemas.



O objetivo final neste processo de trabalho é reorganizar o ambiente de aprendizagem para gerar mais condutas independentes na criança com deficiências de desenvolvimento.

Ajudando os pais a cuidar do filho, o processo de trabalho começa desde o primeiro contato com a família.

Segundo Heloísa LUCK: *"Fica caracterizada a inter-relação e interdependência dos comportamentos do domínio afetivo, cognitivo e psicomotor de modo a evidenciar que em cada momento do processo educativo deve-se dar atenção a todos eles, e fim de que se promova o desenvolvimento integral e harmonioso do educando."*

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Instrumento para obter informações, visando criar uma proposta de Orientação Familiar.

Prezado Pai ou Mãe:

Na tentativa de melhorar a educação escolar de seu filho, e também para melhor poder ajudar a família a entender o crescimento educacional dele, pedimos que responda as seguintes perguntas:

Nome do Pai ou Mãe: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

1. Você gostaria de realizar um trabalho conjunto ESCOLA - FAMÍLIA?

Sim ( )

Não ( )

2. Por que?

3. Assinale a melhor forma de poder participar da vida escolar de seu filho:
- ( ) Reuniões de pais dirigidas pela APM.
  - ( ) Palestras com médicos, psicólogos, professores e outros.
  - ( ) Reuniões individuais com a professora.
  - ( ) Grupos de pais para discutirem os problemas educacionais dos filhos.
  - ( ) Jogos, competições entre pais e filhos.
  - ( ) Clubes de mães.
  - ( ) Situações de lazer, tais como: piqueniques, passeios, excursões.

4. Que outra forma você sugere para participar da escola?

---

5. Quantas vezes por mês, você pode vir à escola?

---

6. Cite o dia e a hora que melhor lhe convém.

---

7. Você acha que a escola pode oferecer para seu filho algo mais, além do ensino?

Sim ( )

Não ( )

8. Escreva suas sugestões:

---

---

---

---

---

Pela sua importante colaboração, agradecemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AMIRALIAN, Maria Lucia T.M. Psicologia do Excepcional. São Paulo, EPU, 1986.
- 2 AXLINE, Virginia M. Dibs: em busca de si mesmo. São Paulo, Círculo do Livro, 1972.
- 3 BARNARD, Kathryn ERICKSON, Marcene L. Como educar crianças com problemas de desenvolvimento. Porto Alegre, Globo, 1978.
- 4 BETTELHEIM, Bruno. Uma vida para seu filho. Campus, 1988.
- 5 CABRAL, R. & PIVA, S.R. Educação especial de subdotados. Porto Alegre, Sulina, 1975.
- 6 CANZIANI, Maria de Lourdes B. Educação especial - visão de um processo dinâmico e integrado. Curitiba, Educa, 1985.
- 7 CRUICKSHANK, W.M. & JOHNSON, G.O. A educação da criança e do jovem excepcional. 1ª vol. Porto Alegre, Globo, 1979.
- 8 DUNN, L.M. Crianças excepcionais: seus problemas, sua educação. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.
- 9 FABER, Adele. Pais liberados, filhos liberados. São Paulo, IBRASA, 1985.
- 10 FÁVARO, Diocélia Mesquita. Ação conjunta Pais / Escola, sob a forma de trabalhos com grupos de pais, visando a educação integral da criança. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1986.
- 11 FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- 12 FONSECA, V. da. Educação especial. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- 13 FREITAS, Rosani A.J. As classes especiais e salas de recursos na educação de deficientes mentais educáveis. Monografia. Universidade Federal do Paraná, 1984.
- 14 LÜCK, Heloísa & CARNEIRO, D.G. Desenvolvimento afetivo na escola. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1985.
- 15 MACHADO, M.T.C. & ALMEIDA, M.C.O. Ensinando crianças excepcionais. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.
- 16 MANNONI, Maud. A criança retardada e a mãe. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- 17 MAZZOTTA, Marcos José da S. Fundamentos de educação especial. São Paulo, Pioneira, 1982.

- 18 PEREIRA, Olívia et alii. Educação especial: atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
- 19 ROUCEK, Joseph. A criança excepcional: coletânea de estudos. 2.ed. São Paulo, IBRASA, 1973.
- 20 TELFORD, C.W. & SAWREY, J.M. O indivíduo excepcional. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 21 REVISTA MENSAGEM DA APAE - Curitiba, Ano 11, nº 32, 1988.